

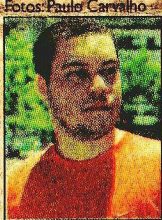
Quando beijar vira um problema

POVO FALA //

COM A DESCOBERTA DO VÍRUS TRANSMITIDO PELA SALIVA, VOCÊ VAI BEIJAR MENOS?

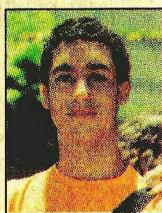
ANTONY SORRENTINO,
28 anos, técnico em telemarketing

"Não. Vou continuar beijando normalmente e nada vai mudar na minha vida. Namoro há dois anos e vou encarar esse vírus como o que transmite a gripe: a gente acaba se acostumando e convivendo sem problemas."



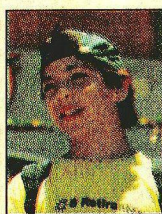
LUCAS DE FREITAS,
15 anos, estudante

"Vou continuar beijando muito. Esse vírus não mata não, né? Então, tudo bem. É aquele negócio: o que não mata, engorda. A vida continua e a gente tem mais é que aproveitar, com cuidado, claro."



PABLO BARRETO,
13 anos, estudante

"Beijar faz bem para a saúde. Quando a gente tá meio mal, triste ou até mesmo meio doente e dá uns beijos, melhora tudo. Vou continuar beijando bastante, nem penso em diminuir os beijos, muito menos parar com eles."



PATRÍCIA DINIZ XAVIER,
12 anos, estudante

"Você já viu que hoje em dia em todos os lugares têm vírus? Se é assim, a gente tem mais é que continuar beijando. Descobriram o vírus da Aids e as pessoas continuaram transando, só que usando camisinha. Ainda bem que esse vírus do beijo não mata, né? Ia ser demais."



Alfred Eisenstaedt 1945

COM A DESCOBERTA DO VÍRUS TRANSMITIDO PELA SALIVA, VOCÊ VAI BEIJAR MENOS? COM A DESCOBERTA DO VÍRUS TRANSMITIDO PELA SALIVA, VOCÊ VAI BE

RENATA GIRALDI
DA EQUIPE DO CORREIO

Beijar longa e carinhosamente, de tal maneira que se esquece da vida, pode fazer bem para mente e para o coração, mas acarretar problemas para saúde. É que por meio da saliva é transmitido o vírus Epstein-Barr (VEB), que causa a mononucleose infecciosa — conhecida como *doença do beijo*. Mal que não apresenta sintoma a não ser quando em estágio avançado, mas se não for tratado a tempo, pode provocar febre, anemia, infecções na garganta, aumento de gânglios e outras complicações. Especialistas estimam que 95% da população mundial está contaminada pelo vírus, embora tenha criado anticorpos à doença.

"As pessoas não devem se apavorar por causa da mononucleose infecciosa", afirma a médica Lenir Nascimento, do Instituto Fernandes Figueira, ligado à Fundação Oswaldo Cruz. "Muita gente tem o vírus e nem se deu conta. A recomendação é só que ao perceber algum sintoma, a pessoa procure o médico." Ela lembra que em geral a doença atinge crianças e jovens.

Sem saber ao certo do que se trata a mononucleose infecciosa, os namorados Wanderléia Carlos, de 26 anos, e Darley Pereira, de mesma idade, dizem que nada vai mudar na vida do casal. Apaixonados, Wanderléia e Darley não se cansam de se beijar em público ou reservada-

mente. Mas na hora da fotografia optaram por uma pose mais recatada.

"Claro que vou continuar beijando do mesmo jeito, sem mudar nada", comenta a secretária, com um sorriso encabulado. "Se fosse uma doença que pudesse matar, aí dá até para pensar diferente", completa ela, que namora há cinco meses. "Deixar de beijar é uma coisa meio complicada, né? O negócio é aprender a conviver com mais esse vírus", diz o lanterneiro.

Não há meios de prevenir a doença, pois as vacinas ainda estão em fase de desenvolvimento. A virose, de acordo com os médicos, não é fatal, pois com o tempo as pessoas criam anticorpos que as protegem. O diagnóstico é feito por meio da história clínica do paciente, por exames físicos, de sangue e pesquisa de anticorpos. Apesar de praticamente todos terem contraído o vírus, a incidência é maior em países em desenvolvimento.

A médica Lenir Nascimento destaca ainda que a virose pode ser confundida, pois apresenta sintomas comuns a outras enfermidades. Segundo ela, o vírus fica incubado por até um mês e meio. A especialista explica que o mal ganhou o apelido de *doença do beijo* por ser mais freqüente em pré-adolescentes e adolescentes.

Não há números precisos sobre a doença no país devido à dificuldade de diagnóstico. O que foi observado é que a incidência é maior em pessoas com menos de 26 anos. Um estudo mostra que em São Paulo, 80% dos jovens, com menos de 14 anos, já desenvolveram anticorpos à virose.

Dos macacos aos homens

A origem do beijo é incerta. Alguns pesquisadores afirmam que ele surgiu de uma sofisticação das mordidas que os macacos trocavam entre si. Independentemente da origem, beijar era hábito desde a Antigüidade, entre os gregos e romanos, inclusive entre pessoas de mesmo sexo, que trataram de difundir o hábito, estabelecendo beijos diferentes conforme o grau de intimidade.

Não há registros de que os homens e mulheres pré-históricos se beijassem. Na Idade Média, os religiosos cristãos criaram o beijo da paz durante a missa, simbolizando a caridade. Mas a Igreja Católica chegou a vetar o beijo amoroso associando-o a ato libidinoso. Ao firmar contrato com os vassallos, o senhor feudal os beijava, concretizando a palavra — com a boca fechada e toque firme, demonstrava confiança. O toque leve era compreendido como traição.

Os burgueses também gostavam de beijar entre si — no rosto dos companheiros — como sinal de saudação. Os nobres preferiam adotar o beijo na boca, sob a mesma justificativa: o cumprimento. Só no século XVII, os homens ocidentais abandonaram o hábito do beijo na boca, substituindo-o pelo abraço.

As religiões interpretam o beijo de formas diferentes. Para os católicos, ele pode ser religioso, nas imagens e mãos dos padres, como sinal de respeito, ou afetivo, sem restrições aparentes. Para os evangélicos, na intimidade do casal, não há restrições, porém os namorados são orientados para não se excederem nos beijos.

Os homens islâmicos beijam os irmãos, pais e filhos, porém não fazem o mesmo em público com as mulheres. Para maioria das religiões orientais, o beijo é um ato íntimo e reservado, cuja recomendação é que não seja praticado em público. (RG)